

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda Santa Luiza

código
AIII - F13 - RF

localização
Estrada RF-12, 2º distrito, Manoel Duarte

município
Rio da Flores

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

Podemos observar a existência de dois momentos distintos na história da fazenda. Inicialmente a construção da antiga casa-sede com a implantação da área de trabalho para produção do café e, posteriormente, quando o proprietário adquire influência política, por volta de 1882, a edificação, em 1891, da atual casa-sede.



Casa-sede primitiva.

122



Casa-sede atual.

124

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007
Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias
Adriano Novaes / Fernando Pozzobom

revisão / data
Alberto Taveira - mar 2008

Através desses dois marcos, podemos observar a existência da atual casa-sede em posição de domínio em relação às demais construções. Situada num platô elevado e afastada da antiga casa-sede e área de trabalho para produção do café, é protegida em seu entorno por uma mata secundária e jardins, não sendo possível avistá-la completamente, somente parte da fachada frontal.

Atualmente o único remanescente da área de trabalho detectado foi o terreiro de secagem do café, localizado em frente à primeira casa-sede. Baseados nessas observações não podemos afirmar, com certeza, qual o tipo de ocupação predominante da casa-sede – que “fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – a senzala, a tulha, o engenho e as oficinas”¹ – foi implantado como modelo.



18



121

“A família Nogueira da Gama funda por volta de 1870 a Fazenda Santa Luíza. Dr. Braz Carneiro Nogueira da Gama adquire influência política, sendo eleito deputado pelo Partido Conservador, nas eleições de 1882. Devido ao status conquistado, resolve construir em 1891 uma nova e mais moderna casa-sede.”

Adriano Novaes

Diante dessa circunstância, podemos observar a construção de duas sedes com características arquitetônicas de épocas distintas e, dada essa situação, não podemos deixar de ressaltar tanto a primeira quanto a atual casa-sede, devido à sua importância histórica, cultural e artística.

A primeira casa-sede é um exemplar primitivo, conseqüência de uma maneira de construir despreziosa e primordialmente prática, já a atual casa-sede mantém uma composição mais elaborada, sendo possível classificá-la, de acordo com a análise arquitetônica extraída do livro *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, como o quinto tipo.

Este quinto tipo configura-se como *“o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiadas sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou “habitável” – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o piano nobile, o que o diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalhou tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor.”* Essa classificação adotada aborda alguns aspectos arquitetônicos marcantes, em se tratando de uma breve análise. Devido ao vasto universo das fazendas históricas de café, alguns exemplos foram excluídos ou extrapolaram as categorias arrolados nessa classificação. Como é o caso da primeira casa-sede da Fazenda Santa Luíza. (Fig. 02 e Fig. 03)

A primeira casa-sede, repetindo, é um exemplar primitivo, tendo sofrido várias modificações devido à adaptação de usos, como escola e casa do administrador. Essas modificações e o péssimo estado de conservação a descaracterizaram, não sendo possível uma leitura correta da configuração interna, bem como das fachadas. Trata-se de uma construção térrea com porão elevado do solo, formando, em planta, um desenho de “L”, sendo coberta por telhados de duas águas.

De acordo com a foto 123 e também através do levantamento cadastral elaborado pela Faculdade de Arquitetura de Barra do Piraí, integrando o inventário dos bens de interesse histórico e artístico do Estado do Rio de Janeiro, datado de 1976, podemos observar a existência de um elemento superior (sótão) cuja finalidade, provavelmente, seria a de observação do trabalho de secagem e preparo dos grãos de café, que se processava nos terreiros. Nessa mesma foto, podemos observar também a existência de uma pequena construção localizada à esquerda da primeira casa-sede. Atualmente esta, como também o sótão, não existem mais, foram demolidos devido ao péssimo estado de conservação em que se encontravam.

Baseadas nas informações históricas citadas anteriormente, a atual casa-sede apresenta-se como um exemplar do final do século XIX, possuindo um pavimento com porão habitável, com desenvolvimento em planta com formado de “U”, coberto por telhados de duas águas.

Em cada extremidade (frente e fundos) podemos observar a existência de um frontão triangular, cujo telhado está disposto em sentido oposto ao da tradição luso-brasileira. Em todo o beiral encontramos acabamentos de lambrequins em madeira. De acordo com sua tipologia, encaixa-se como um modelo com características ecléticas, lembrando edificações conhecidas como chalés.

O acesso principal está localizado em paralelo à fachada frontal, através de duas escadas em “L”, que atingem um patamar ao nível da varanda V3. Os outros acessos estão localizados na cozinha COZ2 e varanda V4. O acesso à cozinha COZ2 se dá por uma escada perpendicular à fachada e o acesso à varanda V4 por duas escadas paralelas à fachada, em sentidos opostos, que atingem um patamar. Apesar das funções dos

espaços terem sido alteradas, podemos observar a disposição desses espaços em três alas distintas: serviço, social e íntima. O porão habitável sofreu várias intervenções com intuito de adaptá-lo aos usos de restaurante, lavanderia e dependências de empregados.

Há um acervo de belíssimos retratos à óleo, em telas de pintura do século XIX, existentes na atual casa-sede (f.75, 76, 77, 78, 79, 80, 81 e 82).

O único remanescente da área de trabalho existente é o terreiro de secagem do café, localizado em frente à primeira casa-sede.

Na atual casa-sede, os beirais são decorados por lambrequins e, na casa-sede primitiva, estão descaracterizados.

As portas e janelas possuem vergas retas com bandeiras, em ambas as casas-sede. Na casa-sede primitiva as janelas existentes possuem folhas cegas. Já, na casa-sede atual, elas apresentam folhas externas em venezianas e internas em madeira e vidro. As portas existentes em ambas as casas-sedes mantêm tipos com veneziana e bandeira, madeira e vidro com bandeira e folhas cegas.

As construções apresentam estrutura autônoma de madeira de seção quadrada com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique. Não foi realizada prospecção, mas essas observações foram constatadas através do afloramento da estrutura autônoma de madeira, da alvenaria de embasamento em pedra aparente e em trechos sem argamassa de revestimento.

Casa-sede atual:



125



15



20



75



76



77



78



79



80



81



82

casa-sede primitiva:



104



109



110



126

Observaram-se instalações elétricas sem proteção no quarto Q19, na lavanderia L, da atual casa-sede e no porão da casa-sede primitiva (f.02, 57, 107).

Há apodrecimento de trechos do forro de madeira nos beirais do telhado das varandas V3 e V4, circulação C14 da atual casa-sede (f.17, 18, 19, 54 e 55), além de apodrecimento das bases dos pilares em madeira na varanda V3 da atual casa-sede (f.52).

A estrutura de barrotes de piso da atual casa-sede apresenta passagem de tubulação de esgoto (f.68 e 69). Há manchas de umidade na alvenaria e nos barrotes do quarto Q20 da atual casa-sede, causadas por vazamento de esgoto (f.70).

Na casa-sede primitiva foi construída uma varanda em tijolo maciço com estrutura em concreto armado, (f.105, 106), o que ocasionou a descaracterização de suas fachadas (f.109, 120, 121, 122). Observou-se forro de madeira em péssimo estado de conservação no depósito D1 desta mesma casa-sede primitiva (f.113), bem como a demolição do sótão, pois em 1976 – data da conclusão do inventário realizado pelo INEPAC – constava sua existência. Ainda segundo esse levantamento, o desenho de sua planta original está bastante alterado. Foi percebida a execução de aterro manual e a construção de contrapiso em concreto no galpão G; nos depósitos D1 e D2; na varanda V2; nos banheiros B1, B2 e B3; na despensa DESP1; e na cozinha COZ1, da casa-sede primitiva.

Na atual casa-sede foi observado, em sua fundação, o descolamento da pintura em placas no salão de jogos; na alvenaria de embasamento em pedra, face interna do quarto Q19 (f. 01). Há manchas de umidade ascendente, com presença de bolhas, descolamento da pintura e desagregação do reboco em alguns trechos na alvenaria de embasamento em pedra, face externa e interna, dos seguintes cômodos: lavanderia L, quartos Q16 e Q17 e circulação de acesso aos quartos citados anteriormente (f.04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65).

Na fundação da casa-sede primitiva, notou-se a execução de chapisco em argamassa de cimento sobre alvenaria de embasamento em pedra histórica (f.102). Há manchas de umidade ascendente, causando degradação rápida dos revestimentos (f.110, 111, 112). Existe uma visível irregularidade de nivelamento do tabuado, provavelmente causado por recalque de fundação na sala S.

Nas paredes de vedação da atual casa-sede há várias fissuras na sala de TV (f.21, 22, 23 e 24). Notou-se o descolamento da pintura, provavelmente devido à presença de umidade, no banheiro B6 (f.28 e 29). Existem, também, várias fissuras, provavelmente devido à incompatibilidade dos materiais originais com a utilização de argamassa de cimento, na sala de distribuição SD e na sala de refeição SJ (f.31 e 56). Existe desarticulação das alvenarias nos quartos Q6 e Q7; no banheiro B5 (f.32, 33, 36 e 39). Há manchas de umidade proveniente do banheiro ao lado do quarto Q6 (f.35). Foi notada a abertura de rasgo na alvenaria para passagem de tubulação de instalações para o aquecedor no banheiro B4 (f.38), bem como desagregação do revestimento no *hall* H2; na circulação C12 (f.50 e 51). Existe intervenção contemporânea, com a utilização de argamassa de cimento no quarto Q20 (f.66, 67, 68). Há descolamento da pintura e a presença de várias fissuras e desagregação de revestimento no quarto Q22 (f.72, 73, 74), bem como mancha de umidade nas alvenarias do quarto Q9 (f.40, 85, 86, 87 e 88).

Na casa-sede primitiva, em suas paredes de vedação, várias alvenarias históricas foram demolidas, conforme planta em anexo (f.89). Foi substituída a alvenaria histórica por alvenaria de tijolo furado, conforme planta em anexo (f.89). Existe desarticulação das alvenarias entre o depósito DEP2 e o galpão G e entre este e a varanda; no quarto Q3 (f.91, 92, 96 e 114). Em todos os trechos próximos aos esteios de madeira houve substituição destes por tijolo maciço ou furado (f.98, 115, 116, 117).

Na atual casa-sede, foram notadas manchas de umidade descendente na fachada externa, no forro sobre os quartos Q6 e Q15; e sobre a sala de jantar SJ (f.25, 34 e 53). De acordo com o inventário realizado pelo INEPAC, em 1976, as telhas cerâmicas originais (capa e canal) foram substituídas por telhas tipo francesa.

Na casa-sede primitiva foram substituídas as telhas originais (somente canal) por novas, no padrão de mercado (f.90), descaracterizando o telhado.

A estrutura de madeira da atual casa-sede apresenta esteios estruturais em madeira apodrecidos no quarto Q19 (f.03). Foram localizadas fissuras acima da verga da porta, provavelmente devido ao selamento da estrutura do barrote de piso, na sala de distribuição SD; e nas duas faces da alvenaria divisória do quarto Q10 para o banheiro B6 (f.26, 30 e 27). Notou-se sobrecarga da estrutura de madeira devido à execução de laje sobre

barrotes nos banheiros B4, B5 e B6; na copa COP; na cozinha COZ2 (f.37, 71, 83, 84). As alvenarias do quarto Q9 apresentam desarticulação, com a presença de várias fissuras provenientes de sobrecarga da estrutura de madeira, provavelmente devido à modificação de quarto para biblioteca (f.40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47 e 48). Há selamento da estrutura de barrotes de piso devido à construção de duas alvenarias novas, visto através de visível irregularidade no nivelamento do tabuado a com presença de fissura na circulação CI3, no trecho de acesso ao quarto Q6 e sala de distribuição SD (f.49).

Na casa-sede primitiva houve substituição da estrutura de madeira por estrutura em concreto armado (pilares e vigas) no galpão G (f.89, 90). Notou-se a presença de várias fissuras, devido ao apodrecimento dos esteios de madeira localizados nas esquadrias (f.93, 94, 95, 96, 97, 103, 104), que apresentam-se em péssimo estado de conservação, extremamente deteriorados (f.98, 99, 100, 118, 119). Foi substituído o baldrame em madeira do galpão G por viga em concreto, estando a armadura em fase de oxidação, sem recobrimento (f.101), além de seus esteios em madeira por alvenaria de tijolo maciço no galpão G (f.115). Assim como solução estrutural para os barrotes extremamente danificados, foram executados pilaretes em concreto na sala S (f.108). Percebeu-se que a construção de passeio em concreto causou a degradação rápida da estrutura de barrotes de piso da fachada lateral esquerda (f.109). Foram notados trechos com afundamento do tabuado, devido ao apodrecimento dos barrotes de piso no quarto Q3; na circulação CI1; e na sala S.

Casa-sede atual:

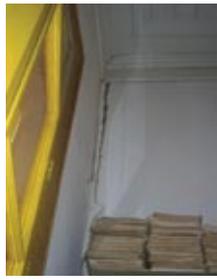




38



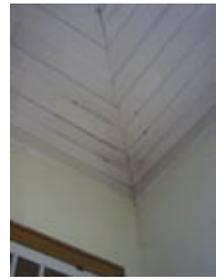
42



43



52



53



54



55



56



57



58



59



60



66



67



68



69



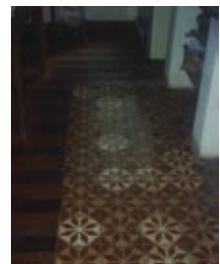
70



71



72



83



84



85



86



87



88

Casa-sede primitiva:



89



90



92



94



96



98



100



101



102



105



106



107



111



112



113



115



116



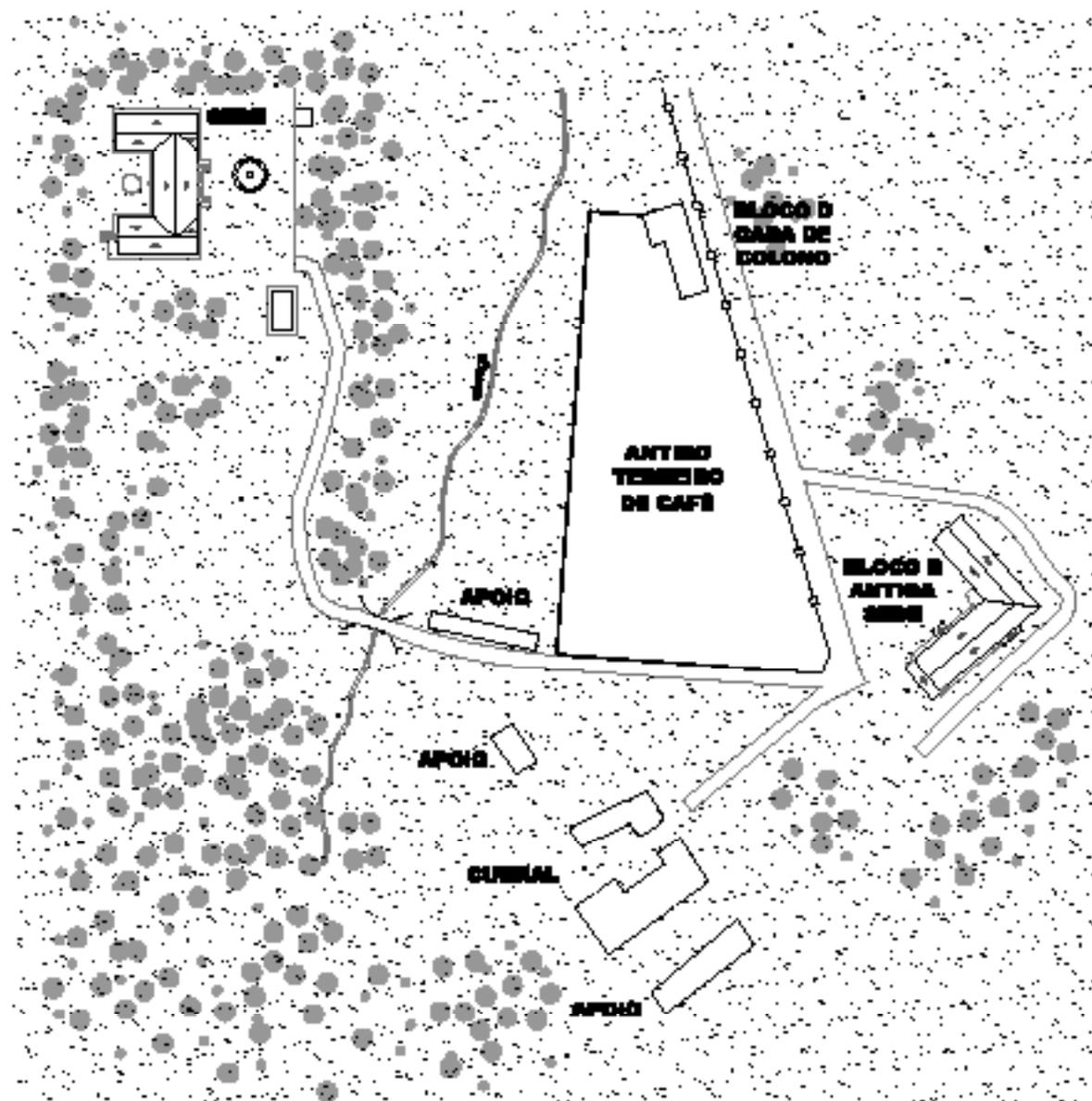
117



118



120



FAZENDA SANTA LUÍZA
 Planta de Situação escala 1:5000

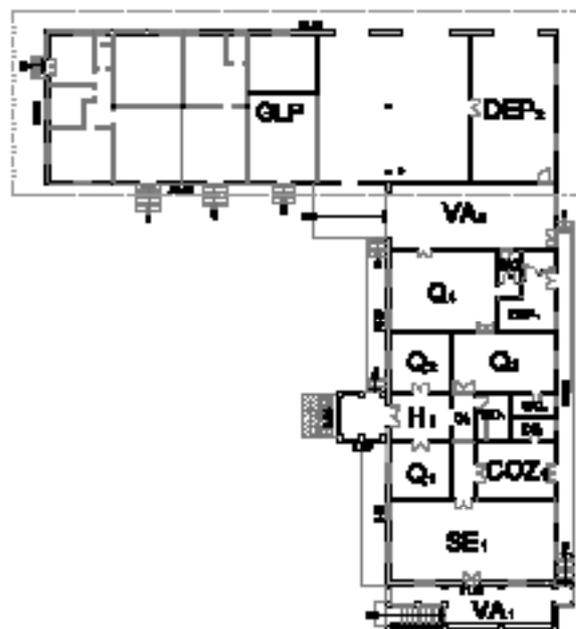


Observações:

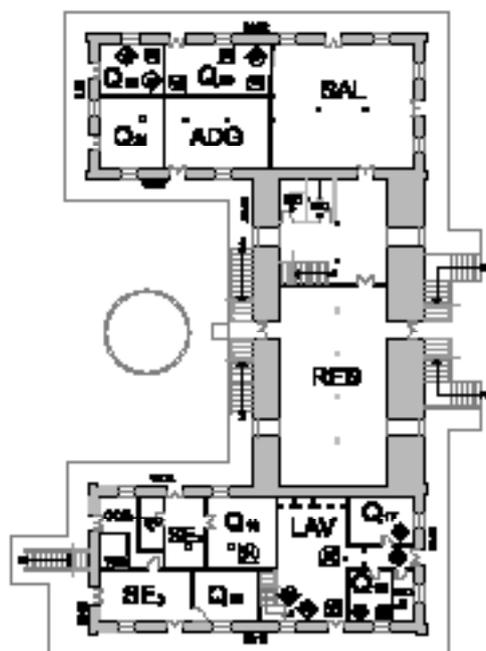
1. As aberturas identificadas com o símbolo do tipo I são de tipo laje armada;
2. As aberturas identificadas com o símbolo do tipo II são de tipo laje moldada;
3. A área destacada em cinza indica o local previsto para uma intervenção que não foi realizada. Por esta razão, a área está vazia, sem portas.



2 Planta Baixa da Casa São José - 1a. FGV - escala: 1/500



2 Planta Baixa da Augusto Bello - escala: 1/500



1 FAZENDA SANTA LUÍZA
Planta Baixa da Santa Luiza - Foz de Iguaçu - escala: 50/1



ADG - adega	COZ - cozinha	GLP - galpão	Q - quarto	BAL - banheiro	BTU - sala de tv	----- aberturas existentes 1
Q1 - circulação	DE - despensa	H - hall	REB - refeitório	DE - sala de estar	VA - varanda	----- aberturas existentes 2
CO - copa	DEP - depósito	LAV - lavanderia	SA - sala de almoço	SJ - sala de jantar	WD - lavanderia aberturas desativadas

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F18 - RF

2/2

autor:	desenhista:	maquete:	data:
Tânia N. Kashiwazaki/ Ana Vivian Bousquet/ Paulo Ariel G. Dias	Tânia N. Kashiwazaki	Franciely Bousquet	nov 2007

Logo após a abertura, em 1782, do “Caminho dos Menezes”, assim denominado em homenagem ao governador da então Minas Gerais, Dom Rodrigo José de Menezes, muitos requisitaram à Coroa Portuguesa terras nas fertilíssimas margens do Rio Preto e, em princípios do século XIX, estes pedidos se intensificaram. João Pedro Maynard da Fonseca e Sá, cessionário de sesmaria nas margens deste mesmo rio Preto desde 1810, requereu outra sesmaria em nome da esposa, Dona Joana Edwirges Menezes e Souza. Em 1819 a sesmaria foi concedida e, em 1824, medida e demarcada.

Maynard da Fonseca e Sá deu início à exploração das terras, mas, apenas naquelas da Fazenda da Barra das Flores, hoje Loanda. As terras de Dona Joana continuariam incultas até a morte de seu marido, na segunda década dos 1800, quando esta resolveu vender todas as três sesmarias do espólio do marido. Em 1837, vendeu as terras, que lhe foram concedidas em pura mata virgem, a Braz Carneiro da Costa e Gama, futuro Conde de Baependy. Costa e Gama desbravou a sesmaria, dando início ao cultivo do café e à construção da sede, pronta em 1842. A esta propriedade deu o nome de Santa Rosa, provavelmente em homenagem à esposa, Dona Rosa Mônica Valle Nogueira da Gama. Na capela da fazenda, ele mesmo é homenageado, com a escolha de São Braz para padroeiro. Baependy adquiriu também as terras vizinhas da sesmaria de Boaventura da Cruz Alves.

Os Condes de Baependy têm muitos filhos que, após constituírem família, também resolveram seguir o exemplo do pai, estabelecendo-se com lavoura nas terras de Santa Rosa e nas que foram de Boaventura da Cruz Alves, entre estes, o filho, Dr. Braz Carneiro Nogueira da Gama, casado com a prima D. Luíza Henriqueta Vianna Nogueira da Gama. Eles fundaram, por volta de 1870, a Fazenda de Santa Luíza, também uma homenagem à esposa. Braz era engenheiro, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e sem muita inclinação para negócios da lavoura cafeeira. Passou a maior parte de sua vida dedicando-se à política. Foi eleito pela primeira vez, nas eleições de 1882, deputado pelo Partido Conservador. Neste período, adquiriu influência política e, devido ao *status* conquistado, resolveu construir, por volta de 1890, uma nova e mais moderna sede em Santa Luíza.

Em 1888, Dr. Braz foi eleito novamente deputado, agora pelo Partido Republicano e, em 1890, chegou ao ápice de sua carreira quando foi eleito Senador da República. Dois anos depois, vendeu Santa Luíza à Companhia Alto Paraíba, presidida pelo poderoso Comendador Domingos Teodoro de Azevedo Júnior. O Comendador, casado na importante família Visconde do Rio Preto, já há muito residia na vizinha Fazenda de Santa Genoveva, passando a usar Santa Luíza apenas em épocas de festas e piqueniques. Mas o futuro de falência que marcou os primeiros anos do século XX abalaria para sempre as estruturas daquela família. A falência da Companhia Alto Paraíba é inevitável, e o “Encilhamento” acertou em cheio as finanças do velho Comendador. A família se desfez de parte das fazendas, ficando apenas com Santa Luíza e Santa Rosa.

Em 1913, faleceu no Rio o Comendador Azevedo Júnior e Santa Luíza permaneceu na família, sendo herdada pela filha Maria Amélia de Azevedo, também conhecida como “Sinhá”. Esta empreendeu inúmeras reformas na casa, uma das quais, em 1903, colocou sobre os papéis de parede originais (estampados de cores diferentes em cada cômodo) um novo papel adquirido na Inglaterra e retirado recentemente, unificando os ambientes na cor marrom. Também pintou as esquadrias na mesma cor.

Em 1942, faleceu Sinhá e Santa Luíza fica com a irmã, Eugenia que, devido a uma enfermidade deixou a fazenda fechada por cerca de dez anos, período em que a casa-sede ficou completamente abandonada. Ao falecer, em 1952, Dona Eugenia legou a fazenda à sua terceira irmã, Leonor, que criava a sobrinha de nome Branca, a qual legou a fazenda.

Em 1978, Dona Branca Azevedo Moreira (neta do Comendador Azevedo Júnior), casada com o doutor Márcio Honorato de Melo Franco Alves, faleceu e a fazenda foi herdada pelos três filhos: Branca Maria, Maria Helena e Márcio Moreira Alves.

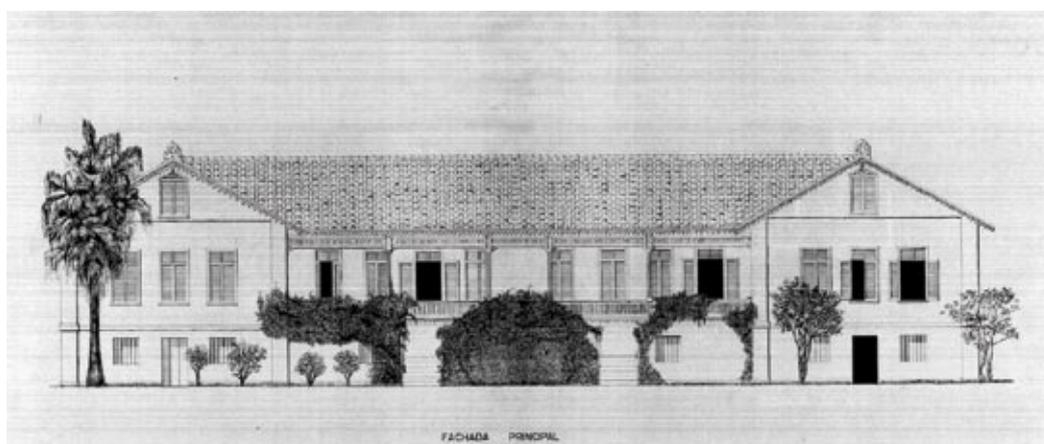
O deputado e jornalista Márcio Moreira Alves, casado com D. Marie Cristine de Preaulx – descendente direta da Princesa Januária e Luiz de Bourbon, da França – não se dedicou à fazenda. Passou a parte que lhe coube aos filhos, Pedro Afonso, que explora a terra, e Ana Leonor, que fica com a sede.



Primitiva casa-sede da Fazenda Santa Luíza, s.a., s.d. (Acervo Fazenda Santa Luíza)

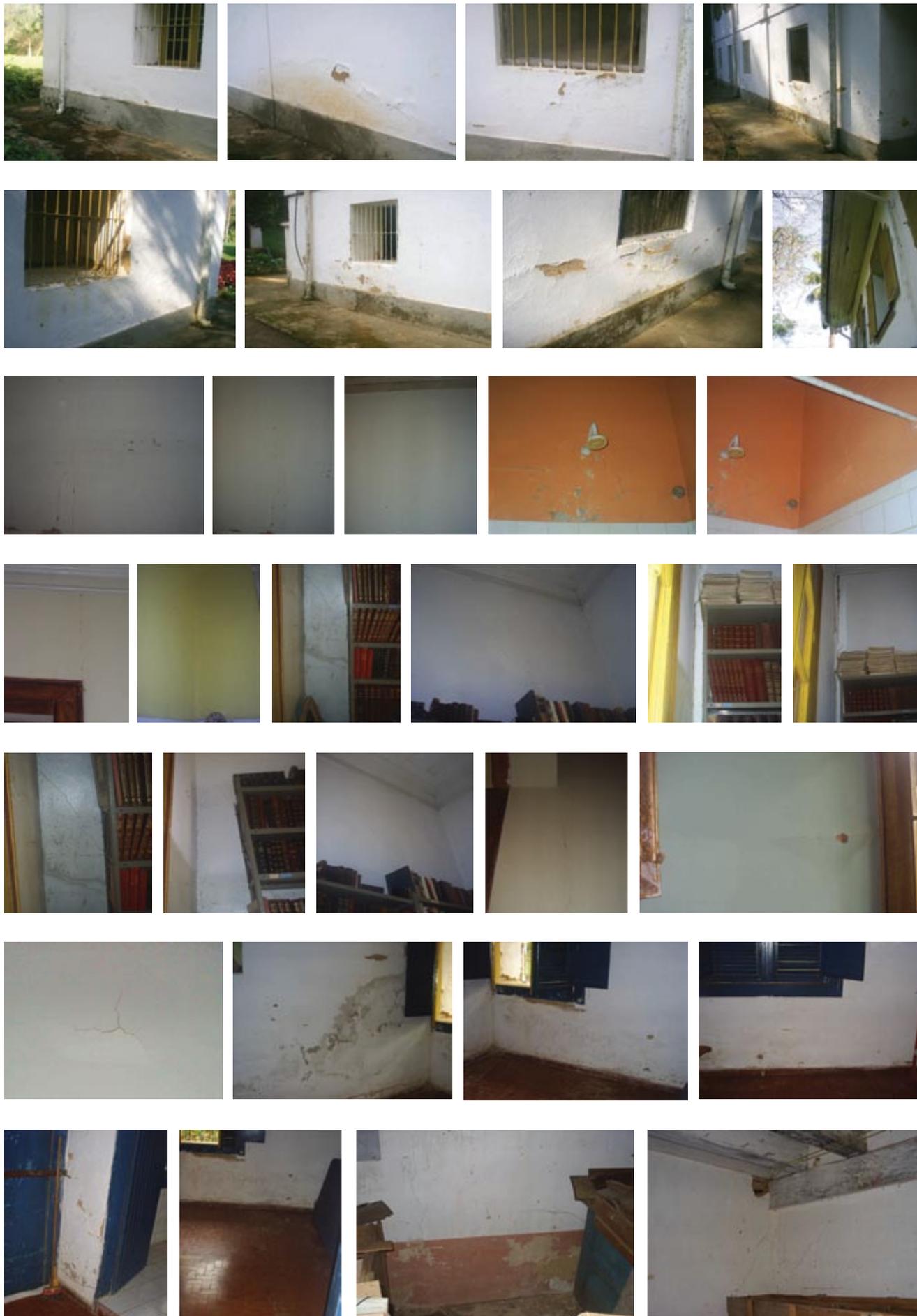


Primitiva casa-sede da Fazenda Santa Luíza, s.a., s.d. (Acervo Fazenda Santa Luíza)



Casa-sede da Fazenda Santa Luíza, levantamento feito pelos alunos da FERP, 1974 (Acervo INEPAC)

atual:



primitiva:

